

The cover features a central red rounded rectangle containing the title. Surrounding this are several thick, colorful lines in shades of green, orange, blue, purple, yellow, and pink, some straight and some curved, creating a dynamic, abstract composition. In the top right corner, there is a circular logo with a blue background and yellow border.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

VIÉS
(EDITH DERDYK)



DVDteca

A horizontal bar at the bottom of the page is divided into six colored segments: purple, light blue, green, red, blue, and yellow.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Viés (Edith Derdyk) / Instituto Arte na Escola ; autoria de Tarcísio Tatit Sapienza ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2005.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 4)

Foco: FC-5/2005 Forma-Conteúdo

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-05-9

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes - Forma 3. Desenho 4. Arte contemporânea 5. Derdyk, Edith I. Sapienza, Tarcísio Tatit II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7



Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

VIÉS (EDITH DERDYK)

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Tarcísio Tatit Sapienza

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmila Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

VIÉS (Edith Derdyk)

Ficha técnica

Gênero: Vídeo experimental.

Palavras-chave: Linha; ritmo; composição; arte contemporânea; pesquisa em arte.

Foco: **Forma-Conteúdo.**

Tema: Registro poético da exposição da artista no MASP (1990); os recortes da filmagem e a trilha musical foram compostos especialmente e interagem com o ritmo criado pelas linhas do trabalho de Edith Derdyk.

Artista abordada: Edith Derdyk.

Indicação: 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Direção: Arnaldo Chain.

Realização/Produção: Arnaldo Chain.

Ano de produção: 1990.

Duração: 5'.

Coleção/Série: *Ensaio.*

Sinopse

Este documentário apresenta a exposição *Viés* (Museu de Arte de São Paulo/MASP, 1990), individual da paulista Edith Derdyk. Registra os resultados de seu projeto de pesquisa em arte, premiado com a Bolsa Anual para Artes Visuais/FIAT. Nessa pesquisa, a artista explora as relações entre duas naturezas de linhas, texturas e planos: os desenhados e pintados no suporte e os criados pelo método de recortar e costurar, com diferentes tipos de linhas, a trama do tecido. O olhar do espectador passeia pelos detalhes das obras, focaliza os elementos visuais e observa o espaço da exposição. A interação entre as linguagens do documentário, a trilha musical composta pelo mú-

sico Paulo Tatit e as obras da artista confere a esse registro da exposição um sentido especialmente poético e interpretativo.

Trama inventiva

Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Kandinsky discute essa questão de modo certo. Para ele, “a forma é a expressão exterior do conteúdo interior”¹. A forma visual – linhas, volumes, cores,... e suas relações compositivas – é o meio pelo qual o artista dá ressonância, nos materiais, à sua idéia/pensamento e à emoção que quer expressar. A forma conjuga-se com a matéria por meio da qual se exprime, ligada aos significados que imprimem cada artista, período ou época. Forma e conteúdo são, assim, intimamente conectados, inseparáveis, imantados. Aproximação deste documentário ao território **Forma-Conteúdo** da cartografia oferece acesso a vias de compreensão para além do olhar analítico que separa a forma estética do conteúdo tematizado.

O passeio da câmera

Sem locução, o documentário viaja pelos detalhes das obras expostas pela artista. A câmera mergulha na trama da obra através do *zoom in*, se afasta com um *zoom out*, desliza para cima e para baixo, passeia para um lado e para o outro, apresenta o mesmo detalhe em enquadramentos diferentes, pula para uma particularidade de outra obra, foca e desfoca algum outro detalhe. Algumas vezes, inclina-se, terminando por apresentar o espaço da exposição como um todo, onde cada obra pode também ser percebida como uma linha vertical distinta.

A trilha musical cria um diálogo com a seqüência das imagens apresentadas, ecoa movimentos dos gestos incorporados nas obras, reinterpreta formas como se fossem as partituras de músicos contemporâneos, cria ritmos sonoros que conversam com o ritmo visual proposto por este passeio do olhar.

Nos detalhes de cada obra enfocada, as linhas estabelecem ritmos que marcam a composição. Linhas virtuais criadas através da pintura/desenho interagem com linhas materiais que alinha-

vam/costuram e constituem os tecidos que servem de suporte às obras. A linha se revela como o elemento da visualidade preponderante no trabalho da artista.

O documentário assume um caráter experimental ao entrelaçar, com um sentido poético, as obras de Derdyk e as linguagens do vídeo e da música. Esse aspecto o destaca como um instrumento sensível de educação do olhar.

O documentário convida para proposições pedagógicas que podem focalizar em *Saberes Estéticos e Culturais*: a arte contemporânea; em política cultural: as bolsas de estímulo e o apoio ao projeto pessoal do artista; em *Mediação Cultural*: a exposição e o seu fio condutor; em *Formação do Educador*: a educação do olhar; em *Linguagens Artísticas e Materialidade*: a linguagem híbrida proposta pela artista; em *Processos de Criação*: o artista-pesquisador.

O destaque dado pelo documentário à linha, ao ritmo e à composição das obras de Edith Derdyk levou à escolha de **Forma-Conteúdo** como sendo o foco central deste material.

Sobre Edith Derdyk

(São Paulo/SP, 1955)

Na apresentação de seu livro *Formas de pensar o desenho*², conversando com o leitor como se estivesse num encontro informal, Edith Derdyk nos fala um pouco de sua vida:

Sempre desenhei.

Freqüentei o ateliê de Paulina Rabinovitch, de pequena até perto dos 20 anos (...) foi uma das coisas fundamentais e inesquecíveis em minha formação sensível, humana e intelectual. (...) a fundamentação e o alicerce que asseguram a minha relação de paixão com o desenho e com a arte, estão diretamente vinculados à vivência que (...) me foi dada por meus pais em minha infância.(...) A memória é viva (...) colorida e nítida. Desenhando, fazendo expressão corporal, pintando o corpo, confeccionando máscaras, construindo coisas, brincando de teatrinho com os pequeninos, na época em que era professora assistente. A raiz do gosto de desenhar provém de uma infância e de uma adolescência "não-adormecida", um dos segredos brilhantes do trabalho realizado intensamente por Paulina.

Cursei, de 1971 a 1973, o IADÉ - Instituto de Arte e Decoração -, um curso colegial forrado de aulas de desenho. Tive (...) professores como o Baravelli e o Rezende, que me abriram as primeiras portas da conceituação da linguagem, em contraposição a toda a minha vivência anterior, baseada na intuição e no cultivo da sensibilidade.

Depois disso, o caminho de muitos: um curso universitário. Frequentei a FAAP, onde obtive licenciatura em artes plásticas, encontrando com professores-artistas, cada um contribuindo com sua sensibilidade e percepção pessoal, com sua atitude e conceito frente à arte: Mário Ishikawa, Guta, Donato Chiarella, Ubirajara Ribeiro e Evandro Carlos Jardim.

No decorrer do curso, frequentei demais a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (...), os textos de Flávio Motta e os desenhos de Steinberg (...) foram determinantes no encaminhamento do meu pensar sobre o desenho.

E depois de tudo isso? Desenhar, desenhar, desenhar continuamente. Vieram exposições, projetos gráficos, ilustrações, livros infantis. Paralelamente, desempenhei o papel de professor em várias escolas, ministrei cursos institucionais e alternativos, dei aulas particulares para crianças e adultos, trabalhei com propostas experimentais.

Derdyk continua alargando seu horizonte de criação e de pesquisa em arte. **Linhas e tecidos geram trabalhos e instalações nos quais o espaço é invadido pelas linhas, que tencionam, aglomeram, torcem, enrolam, colam, amarram. Costuras e suturas.** A artista cria, também, letras de músicas e cenários.

Suas obras estão presentes em várias coleções no Brasil e no exterior. Suas reflexões sobre a arte e o ensino de arte são publicadas em vários livros, dentre eles: *Formas de pensar o desenho* (1988); *O desenho da figura humana* (1989); *Linha de costura* (1997); e *Linha de horizonte – por uma poética do ato criador* (2001).

Contemplada com diversas bolsas de pesquisa em arte, em 1990, recebe a Bolsa Anual para Artes Visuais, patrocinada pela FIAT, que resulta na exposição *Viés* (MASP) documentada neste DVD, que registra um importante momento de transformação em seu trabalho.

Para a crítica de arte Angélica de Moraes ³, a prática artística de Derdyk é focada na essencialidade e plantada no território do desenho. **“A artista pensa com o desenho. (...) trabalho continuado, persistente, teimoso e quase subterrâneo, que só chega aos holofotes quando plenamente maduro e estruturado”.**

Um currículo atualizado, incluindo imagens de obras da artista e textos críticos, pode ser encontrado através da visita ao seu portfólio virtual no Canal Contemporâneo.



Os olhos da arte

A linha nasce do encontro entre as coisas, ocupando uma região de incerteza. Ela pertence ao objeto ou ao espaço? A linha afirma a poderosa capacidade mental de abstração do homem. Ela não existe em forma palpável e visível na natureza. No campo retangular do papel, onde tudo pode acontecer, a linha é soberana, inventando a natureza artificial da arte. (...) A linha, por sua natureza conceitual, nos conduz a uma concepção de desenho como atividade mental.

Edith Derdyk ⁴

O devaneio do ponto é a linha. De um marco aparentemente estático, a linha é o convite do gesto. Percorre espaços, salta nervosamente, espalha-se em coreografias tímidas ou ousadas. Forte e precisa, delicada e tênue, rígida e certa, interrompida ou única, geométrica ou orgânica, as linhas revelam o gesto que as criou e as ferramentas que as registraram, guardando algo de sua qualidade: a fluidez de um pincel, a astúcia de uma pena, o rigor de uma goiva, a maciez de um lápis suave.

Mas, uma linha é também virtual.

Nossos olhos podem brincar de desenhar e traçar linhas, desenhando um triângulo. Da mesma forma, o olhar do astrônomo liga estrelas, desenhando constelações.

Elas também brincam com nossos olhos e se apoderam da direção de nosso olhar. Esta linha invisível nem sempre é fácil de ser percebida, mas nossos olhos a seguem obedientemente. É assim quando miramos a *Santa Ceia* de Leonardo da Vinci e somos fisgados para o centro, ou quando nossos olhos passeiam sobre os desenhos de Edith Derdyk, pulando de uma estrutura para outra.

Como um elemento essencial da visualidade, a linha é a primeira marca deixada por uma criança, seja no desenho sobre o papel



Viés - *Campo Dobrado*, 2003

16.000m de linha preta de algodão, 8.000 grampos e 5 dias de montagem - Museu de Arte de Santa Catarina/Florianópolis, SC
Foto: Edith Derdyk.



Viés - *Rasuras II*, 1998

18.000m de linha preta de algodão, 10.000 grampos e 4 dias de montagem - Museu de arte Contemporânea, Niterói, RJ
Foto: Lucia Helena Zaremba

ou nas marcas sobre o vidro embaçado. Marca que se repete, brincalhona, nas folhas ao lado do telefone, nas agendas, nas toalhas dos restaurantes feitas com os talheres. **Desassossegam o olhar em ritmos alucinantes, nas verticais altivas ou diagonais nervosas, nas interrupções ou nos corruptions circulares. Ou o sossegam na lentidão de um ritmo em suspensão, no silêncio de pausas horizontais, na languidez das linhas sem pressa.**

Em texto sobre a artista, o crítico Agnaldo Farias ⁵ nos fala da qualidade da linha, aqui não mais desenhada sobre papéis, mas sobre tecidos toscos banhados em gesso, cal, cola e carbonato de sódio em proporções diversas:

Emulada pelo lirismo da trama geométrica que o tecido oferece, a artista, sem abandonar o desenho e o encanto pelo seu fonema básico, a linha, modifica substancialmente os meios e o método de realizá-lo. (...) Cada pedaço é tratado de modo a ostentar uma série de sub-campos geométricos de coloração variável e divididos entre si por linhas fortes traçadas com o auxílio de régua ou – aí o momento da virada – divididos e preenchidos por linhas costuradas. (...) A maneira como a artista expandiu o seu entendimento do ato de desenhar terminou por conferir uma materialidade concreta à linha ao mesmo tempo em que lhe fez descobrir uma técnica ancestral. Ao jogo ritmado e desatado da cálida geometria de linhas e cores que escorre ao longo das faixas, (...) insinua-se um outro jogo criado com o corpo da artista e que culmina no movimento das mãos e nas pontas dos dedos (...) que aprisionam o corpo da agulha, (...) numa dança perpétua e sinuosa, feita de aparições e ocultamentos, silêncio, concentração, olhar fixo e lacrimajante.

No lirismo da trama geométrica, Derdyk utiliza o que Agnaldo chama de fonema básico da linguagem visual: a linha. Construída com régua ou costurada com agulha que

joga um “esconde-esconde” de aparições e ocultamentos, a linha desenha e compõe jogos.

Ela “ocupa um espaço entre. A linha não é pertinente. Desvenda a relação entre os objetos sem ser totalmente algum deles. (...) A linha empresta contorno ao mundo, caminha pela superfície das coisas. E, quando isso acontece, a linha se estende infinitamente.”⁶

Tanto em suas palavras como em seus trabalhos, a linha marca a pesquisa em arte de Edith Derdyk e nos convida a brincar com nosso olhar e gesto.

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a ser um leitor do documentário, antes de planejar sua utilização. O registro de suas impressões, durante a exibição, por meio de anotações (escritas, desenhadas, coladas...) pode ser interessante, e dará início à construção de um diário de bordo: um instrumento de registro dos rumos trilhados por seu pensar pedagógico, a ser retomado e desenvolvido durante todo o processo de trabalho junto aos alunos. Fica a seu critério consultar a pauta do olhar para elaborar seu registro inicial, recomendamos, apenas, que você assista ao documentário mais de uma vez.

- O documentário lhe faz perguntas? Quais?
- O que você imagina que os alunos gostariam de ver no documentário? O que causaria atração ou estranhamento?
- Para você, qual o foco de trabalho em sala de aula que pode ser desencadeado pelo documentário?
- Que aspectos da obra de Edith Derdyk atraem mais sua atenção?
- É possível perceber uma unidade no conjunto das obras apresentadas nesta exposição apresentada pelo DVD?
- Como a linha, um dos elementos básicos da visualidade, surge no documentário?
- Como você poderia aproveitar, na sala de aula, a interação poética criada pelo diálogo entre a linguagem do vídeo, a música de Paulo Tatit e as obras da artista?

Ao rever as anotações, o seu modo singular de percepção e análise se revela. A partir destes registros e da escolha do foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos por esse documentário?

A pauta não precisa ser trabalhada com os alunos como um questionamento verbal. O contato deles com suas questões pode ocorrer por meio da realização das diversas propostas para aprender-ensinar arte que você formular. Suas respostas também podem não ser verbais, e, sim, expressas ao longo do desenvolvimento do processo de trabalho.

Percursos com desafios estéticos

No mapa, você pode visualizar, com destaque, algumas das diferentes trilhas relativas ao foco **Forma-Conteúdo**. Consideramos esse um enfoque relevante no documentário, a ser retomado em suas proposições pedagógicas.

Apresentamos, a seguir, alguns dos possíveis percursos de trabalho que percebemos como potencialmente impulsionadores de projetos para o aprender-ensinar arte.

Os caminhos sugeridos não precisam ser seguidos linearmente. Escolha por onde começar, por onde passear com seus alunos, em que partes permanecer mais tempo, o que descartar.

O passeio dos olhos dos alunos

Estas sugestões, que podem gerar outras, têm a intenção de convocar os alunos para assistirem ao documentário, despertá-los para a reflexão sobre as questões de forma e conteúdo, e animá-los, pelas ações expressivas, a conversar e socializar sua apreciação.

A linha de horizonte

Um pequeno texto de Derdyk ⁷ pode ser o caminho de entrada para o documentário.

A linha de horizonte, traço inventado pela nossa visão, não existe. A quem pertence: ao céu? Ao mar? À terra?

Por um viés, a linha de horizonte delimita o encontro do céu com a

terra, nos proporciona um abrigo sob tal imensidão. Por um viés, a linha do horizonte conjuga o que está acima com o que está abaixo de nós. Por um viés, a linha de horizonte se estende pelas interseções entre os espaços de ascensão e queda. Desse encontro topológico, a linha de horizonte esconde e apresenta, em sua condensada negritude, uma fresta para o infinito, fresta por onde tudo se esvai.

Depois de ler esse texto, convide os alunos para irem onde possam ver o céu, o horizonte. Pode ser mesmo dentro do espaço da escola, olhando pelas janelas. Proponha que explorem a diversidade das linhas criadas pelo encontro de céu e terra, incluindo as construções humanas.

Peça que anotem as linhas mais interessantes no papel.

Na volta para a classe, exponha os desenhos e releia a fala de Derdyk. Então, exiba o DVD, conversando sobre o que perceberam, problematizando o texto e o documentário, após a experiência.

☉ **Desenhando a partir do documentário**

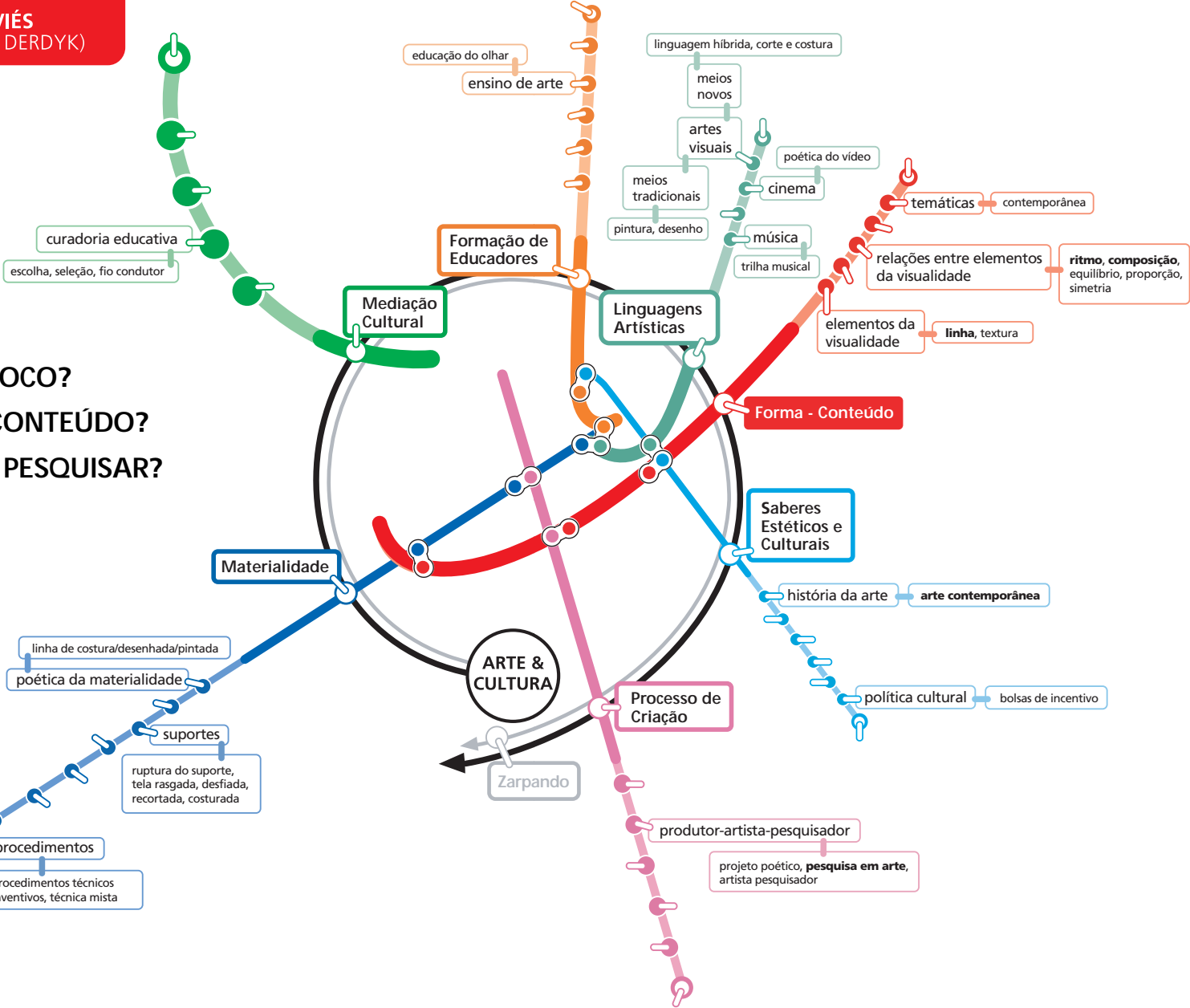
Uma possibilidade é que os alunos desenhem enquanto assistem ao documentário, com papéis (sugerimos cortar vários papéis A4 em duas tiras no sentido vertical) e riscadores (canetas com tinta preta - tipo esferográfica ou hidrográfica fina - permitem um bom resultado, pois não podem ser apagadas e deixam marcas vigorosas). Exiba o documentário, pedindo para que desenhem algumas das idéias gráficas de Edith, e anotem alguns detalhes interessantes. Repita o DVD por mais duas ou três vezes.

Você poderá expor os desenhos junto com as anotações, gerando uma conversa sobre o documentário e a experiência realizada, destacando aspectos relativos às linhas, ao ritmo que criam e à composição. Que idéias surgem após esta experiência?

☉ **Um filme “em quadrinhos”**

É possível que você leia com seus alunos o primeiro parágrafo de *O passeio da câmera*, que descreve como “a câmera mergulha na trama da obra” e, depois, assista ao documentário. A descrição oferecida antes do documentário facilitou

Mapa potencial
VIÉS
(EDITH DERDYK)



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

o passeio do olhar dos alunos? O que perceberam? O que viram para além do trecho lido?

Depois da conversa, explique que a maioria dos filmes e animações que assistimos passa por uma etapa de planejamento chamada de *storyboard*, onde a seqüência de cenas a ser filmada é exposta por desenhos como numa história em quadinhos. Peça para que imaginem como seriam os “quadinhos” para este documentário.

Desvelando a poética pessoal

A linha, o ritmo e a composição são os desafios propostos neste percurso, que espera desenvolver a poética pessoal do aluno, isto é, a sua gestualidade singular, o seu modo de desenhar, a qualidade das linhas que traça. Para isso, torna-se oportuno orientar e motivar os alunos para uma atitude de pesquisa sobre seu modo próprio de expressão na linguagem visual. Observar os resultados e discutir a experiência com a classe é importante para que percebam as qualidades expressivas da linha: a intensidade, a duração, a direção, a espessura, a dimensão, o ritmo, a tensão.

“Rabiscar”

Como exercício, sem preocupação de criar qualquer figura, você poderá propor que rabisquem várias folhas explorando, com um mesmo material (lápiz de cera, grafite, pincel), a criação de vários tipos de linha. Focalize a atenção dos alunos para os seus gestos ao desenhar, explorando a velocidade do gesto, o grau de pressão sobre o instrumento de desenho e a forma de passear com ele no papel.

Os alunos percebem o momento em que é o desenho que pede uma nova linha, uma outra pressão no riscador utilizado, um movimento complementar ou oposto? Ou o começo de um outro desenho? Podem perceber qual é sua poética?

Explorar a paisagem

Que tal se cada aluno encontrasse um lugar interessante, possível de ser explorado, como uma praça ou um local do

bairro com uma vista mais ampla? O ideal seria que fosse um local desconhecido, isto é, que o aluno “vestisse um olhar estrangeiro” capaz de olhar como se fosse a primeira vez. O ponto de partida para a atividade pode ser este texto de Derdyk⁸, focalizando o conceito de composição:

Toda paisagem contém seus inumeráveis pontos de vista, mas somente algumas regiões são absolutamente privilegiadas. São aqueles locais de onde podemos ver mais amplamente a composição da paisagem. Geralmente são locais de difícil acesso. Muitas vezes enfrentamos uma bela subida de morro para obter uma amplitude de visão.

É interessante propor que investiguem o lugar escolhido e que registrem em fotografias ou desenhos os pontos mais interessantes da paisagem. Seus registros visuais podem ser acompanhados de um texto que comente onde estavam quando os fizeram e como buscaram essa visão.

Ao discutir os trabalhos apresentados, é possível retomar o texto e estabelecer um paralelo entre esta exploração e o conceito de pesquisa exposto pela artista.

● Criar teias

Uma outra possibilidade é a criação de teias tecidas com linhas e fios de diversos tipos dentro de caixas de papel. O material pode ser composto por caixas de sapato ou outras maiores, se o trabalho for em grupo. As caixas podem ser previamente pintadas de uma única cor em contraste ou não com a cor da(s) linha(s) utilizada(s). Pode-se usar fita adesiva ou furar o papel para prendê-los com nós. Cada aluno ou grupo pode tecer de duas a três caixas. O destaque é para a investigação dos diferentes modos de ocupar o espaço das caixas e não imitar a teia da aranha. A própria caixa pode também ser recortada ou rasgada para criar novas aberturas.

Como surpresa, traga para a classe uma lanterna com luz forte. Feche as cortinas ou apague as luzes e os provoque a buscar os efeitos de luz e sombra dentro das caixas. Se for possível, fotografe. Os alunos podem recriar desenhos a partir destas teias, buscando sua própria poética.

Ampliando o olhar

Um dicionário de linhas

Derdyk⁹ sugere uma proposta interessante ao falar do artista Paul Klee que a influenciou:

A concepção da linha apenas como atributo e propriedade do objeto em si dá lugar à manifestação do leque de possibilidades de existência da linha como entidade no papel. Paul Klee exerce plenamente a autonomia da linha, que adquire uma dimensão e uma função poética dentro da linguagem. A linha vive o seu poder no bico-de-pena de Klee.

Podemos elaborar um dicionário tipológico da linha, classificando, sistematizando, decodificando suas manifestações, ao examinarmos a produção gráfica realizada por Klee: a linha enquanto intensidade, espessura, direção, duração, ritmo, densidade, energia.

A criação de um dicionário de tipos de linha pode ser feita em grupo. As referências podem ser desenhos de Paul Klee, obras de artistas já pesquisados, histórias em quadrinhos, ou trabalhos dos próprios alunos. O registro das linhas pode ser através de desenho, xerox, ou mesmo do computador (recortar imagens, colar, arquivar). Pense com os alunos como organizar/apresentar o dicionário, refletindo sobre a linha durante todo o processo.

Desenhando teias

As caixas com teias sugeridas em *Um percurso de criação pessoal* podem gerar novas produções. É possível propor que façam uma série de desenhos de observação a partir de suas teias e das de seus colegas. Como sugere o passeio do olhar proposto pelo documentário, peça para que observem as teias de vários modos, aproximando, distanciando, enquadrando-as de diferentes formas no papel. Relembre a lição de Klee: re-trabalhar recriando a intensidade, a espessura, a direção, a duração, o ritmo, a densidade e a energia das linhas. Converse sobre os resultados na presença dos desenhos e das caixas.

☉ Um outro filme “em quadrinhos”

Outro desdobramento interessante do trabalho feito em *Desenhando teias* pode ser a reunião de todos os desenhos para impulsionar a imaginação do grupo: é possível criar um filme sobre suas teias, seqüenciando os desenhos num *storyboard* (podendo excluir ou criar novos). Conversando sobre os resultados, você pode, ao problematizá-los, criar novos desafios. Talvez a criação de tiras com as seqüências, numa experimentação de novos suportes.

☉➤ Conhecendo pela pesquisa

☉ A artista Edith Derdyk

Quais os rumos que o trabalho de Edith Derdyk seguiu após o momento retratado na exposição *Viés?* Nos sites e livros indicados na bibliografia, os alunos vão encontrar várias referências para compreender melhor o sentido de pesquisa tão presente no trabalho de Derdyk.

Procure também na DVDteca do Projeto Arte na Escola o documentário *Suturas*, que registra a exposição com o mesmo nome realizada em 1993, no MorumbiShopping/Gabinete de Arte Raquel Arnaud (SP).

☉ Linha: um dos elementos da visualidade

As descobertas sobre as linhas, como um dos elementos da visualidade, podem ser aprofundadas, percebendo suas relações, seus tipos, pesquisando riscadores e suportes diversos, verificando como a natureza desenha, seja nos raios que no céu risca, seja nos arabescos dos rios sobre a terra. Procure mostrar aos seus alunos outros artistas que trabalham com linhas especialmente, focalizando a linguagem do desenho e da gravura.

Como referência para trabalhar com esses conceitos, destacamos da bibliografia os seguintes livros: Edith Derdyk, *Formas de pensar o desenho*; Fayga Ostrower, *Universos da arte*; e D.A. Dondis, *A sintaxe da linguagem visual*.

© **A profissão de artista**

Derdyk destaca a importância da bolsa da FIAT no desenvolvimento do trabalho documentado neste DVD. Quais as formas de apoio que a sociedade oferece ao artista?

Os alunos podem investigar a política cultural de sua cidade, de seu estado, do país e os diversos aspectos da profissão de artista.

© **Outras linguagens**

Pode ser interessante abordar as outras facetas da artista: Derdyk também se dedica a trabalhar como artista gráfica produzindo capas de livro, ilustrações para livros infantis, e até criou cenários e letras para músicas. O que os alunos podem descobrir sobre ela e outras várias linguagens?

Das capas de livro, ela destaca a coleção *Novas buscas em educação*, editada pela Summus Editorial e dirigida por Fanny Abramovich. Dentre as capas de disco, ressalta as realizadas em conjunto com o fotógrafo Gal Oppido para o grupo de música popular *Rumo*. Talvez seja interessante localizar alguma delas em bibliotecas ou discotecas de sua cidade.

Na internet, pode-se localizar referências a várias letras de música no site Palavra cantada, por exemplo, a música *Rato*, em parceria com Paulo Tatit.

© **O desenho da linha na estética do cotidiano**

Na arte brasileira dos anos 80-90, uma nova atitude dos artistas em seu processo criador incorporou práticas de tradição cultural como a costura que foi apropriada por Edith Derdyk. O trabalho com a agulha e linha das práticas de tradição doméstica se faz presente tanto na arte contemporânea, como também no ambiente estético das famílias dos alunos.

No ambiente familiar dos alunos, há peças de crochê, bordado, tear ou outros trabalhos manuais que utilizem agulha e linha? A partir da pesquisa e do agrupamento dos artefatos encontrados, problematize como as linhas estruturam esses trabalhos e quais conexões estabelecem entre o fazer artístico nos trabalhos manuais e nas artes visuais.

Amarrações de sentidos: portfólio

O portfólio pode ser um apoio para que o aluno perceba o sentido do que estudou, reveja os conteúdos trabalhados e reflita sobre seu processo de aprendizagem.

Esta apresentação pode ser feita de uma forma criativa. Visitar com os alunos o portfólio virtual de Derdyk na internet (*Canal contemporâneo*) pode ser uma inspiração. Por exemplo, pode se propor fazer um portfólio geral da classe. Cada aluno pode selecionar os três trabalhos que lhes foram mais importantes e escrever um pequeno texto explicando a razão de sua escolha. Discuta com a classe como organizar o material de todos num único livro.

Pode ser interessante, ao final, rever o documentário como se fossem ver uma exposição e pensar: como fariam uma com seus trabalhos? Poderia haver alguma trilha sonora? Usariam a mesma para as suas linhas?

Também é possível criar um site ou blog, utilizando recursos da internet (pesquise em sua escola, provavelmente vai encontrar adolescentes que já fizeram blogs ou sites). Individualmente, cada aluno pode também fazer seu portfólio, agrupando os seus trabalhos e escrevendo, como fez Derdyk, sobre a linha sonhadora.

Valorizando a processualidade

A apresentação do portfólio e sua discussão com a classe configuram um momento de conclusão da avaliação, embora ela já venha acontecendo durante o desenvolvimento das propostas que você formulou em seu percurso educativo.

Como em toda apresentação de trabalhos de alunos, cuidado para não transformar a situação num “concurso”. Lembre-os de que este aprendizado se dá em diálogo com o trabalho desenvolvido por seus colegas e com todo o repertório de arte com que já tiveram contato, destacando que a referência de transformações acontece em relação ao trabalho do próprio aluno, não pela comparação de seu resultado com o de seus colegas.

- ⦿ O que os alunos destacam do que estudaram?
- ⦿ Houve transformações? Quais?
- ⦿ A discussão dessas questões permite evidenciar a aprendizagem, localizar o que ficou de mais importante, e também revelar lacunas e idéias para novos projetos?
- ⦿ E você, como professor-pesquisador, o que percebe que aprendeu com este projeto?
- ⦿ Quais os novos caminhos, para sua ação pedagógica, descobertos nessa experiência?
- ⦿ Seu diário de bordo aponta para rumos inexplorados?
- ⦿ O projeto germinou novas idéias em você? Qual seria o próximo documentário a utilizar?

Glossário

Arte contemporânea – “A estética contemporânea é operante, possui um faro especulativo, buscando descrições estruturais da obra. A arte contemporânea é cada vez mais a reflexão de seu próprio fazer, exprimindo, de maneira mais evidente, o seu projeto formativo e poético. O que distingue completamente a estética contemporânea das tradicionais é justamente a nossa consciência da História: imagem do tempo finito e irreversível que o tempo da História teima em demonstrar”. Fonte: DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1989, p.62.

Arte moderna – “No final do Século XIX, iniciou-se um questionamento a respeito das noções de realidade e sua representação, abalando toda uma confortável noção de imitação da natureza. (...) O grande trunfo da arte moderna é a aquisição do pensamento sobre a construção da linguagem, processo esse instalado visivelmente a partir do Impressionismo.” Fonte: DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1989, p.80.

Composição – “(...) desde a concepção da obra, em profundas regiões onde os valores pessoais se entremeiam ao próprio consciente e às decisões voluntárias, já se encontram os enfoques que irão determinar a conduta do artista em todo o seu fazer. A imaginação de um tema, a escolha do formato apropriado ou de materiais e técnicas viáveis, até o próprio modo de trabalhar, as hesitações, as dúvidas e descobertas, as ordenações formais e as próprias referências ordenadoras, tudo está impregnado por considerações estilísticas. Intuitivas na maioria das vezes, sem precisarem alcançar o nível

do consciente, tais considerações irão orientar integralmente o fazer artístico.” Fonte: OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, p.295.

Criação e pesquisa em arte – “A atenção focada no ato criador enfatiza o desejo crescente em compreendê-lo como operação poética. (...) Não é qualquer fazer um ato criador - aquele que provoca um estado poético impregnado de uma consciência ou percepção inusual - não é simplesmente um constante fazer que garante a revelação de uma outra ordem de grandeza dos sentidos. (...) O ato criador instaura uma maneira única (pessoal, individual e subjetiva) e, simultaneamente coletiva de ingressar em um tempo e um espaço ainda fora de forma. (...) O ato criador nos surpreende.” Fonte: DERDYK, Edith. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001, p.24.

Elementos visuais – “A linha, bem como o ponto, a cor, a luz, o volume, a textura, é um dos elementos que compõem a linguagem gráfica”. Fonte: DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988, p.144.

Linha – “Vamos considerar a linha como o espelho do gesto no espaço do papel. O ponto sai do repouso, passeia pelo papel vislumbrando, dele mesmo, uma memória do trajeto; eis a linha. A linha é o depósito gráfico da pulsão, do ritmo, do movimento, da ação motora e energética, revelando no papel pontos, traços, manchas, resultantes da interação mão/gesto/instrumento. Desta interação nascem as qualidades expressivas da linha: a intensidade, a duração, a espessura, a dimensão, o ritmo, a tensão, a tipologia.” Fonte: DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988, p.144.

Ritmo – “O desenho, além de ser fruto de uma ação motora, manifesta um ritmo biopsíquico de cada indivíduo, encadeado com uma repetição proveniente de uma ordem imperiosa que vem lá de dentro. (...) O ritmo se dá pela repetição e alternância de determinados elementos gráficos, revelando uma ordem. (...) O ritmo visual também vai estar subordinado à quantidade de variações de tipos, intensidades e espessuras de linhas, e também de formas e pontos, que vão se alternando e se repetindo.” Fonte: DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988, p. 59, 218, 221.

Storyboard – “É o roteiro transformado em estória em quadrinhos, contendo as principais etapas de todas as cenas do filme”. Fonte: MORENO, Antonio. *A experiência brasileira no cinema de animação*. Rio de Janeiro: Artenova, 1978, p. 14.

“O storyboard é (...) a fase exploratória de qualquer filme animado. Mostra o principal esboço visual da ação e os principais personagens envolvidos. (...) mas não passa da crisálida que será abandonada quando toda discussão terminar e tiver início o verdadeiro trabalho da animação.” Fonte: HALAS, John e MANVELL, Roger. *A técnica da animação cinematográfica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 164- 165.

Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 1980.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988.

___ *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1989.

___ *Linha de costuras*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

___ *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Escuta, 2001.

DONDIS, D.A. *A sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea: do cubismo à arte neoconcreta*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 22 dez. 2004.

DERDYK, Edith. Disponível em: <www.canalcontemporaneo.art.br> (entrarem portfólios).

___ Disponível em: <www.haimchanin.com/artists/artists_bio_derdyk.htm>.

___ Disponível em: <www.pontecultura.de/Workshops/artinprogress/edith_derdyk1.htm>.

___ Disponível em: <<http://macniteroi.com/expoanteriores/oartistapesquisador1998/oartistapesquisador1998.htm>>.

KLEE, Paul. Disponível em: <www1.uol.com.br/bienal/23bienal/especial/pekl.htm>.

___ Disponível em: <www.mac.usp.br/obracontexto/paulklee/>.

Notas

¹ KANDINSKY, Wassily. Sobre a questão da forma. In: *Olhar sobre o passado*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 118.

² Edith DERDYK, *Formas de pensar o desenho*, p.5.

³ MORAES, Angélica de. *Topografias e partituras do traço*. Texto criado para a exposição *Ângulos*, Galeria Marília Razuk, 2004. Disponível em: <www.canalcontemporaneo.art.br/portfolio.php>.

⁴ Edith DERDYK, *Formas de pensar o desenho*, p. 150-152.

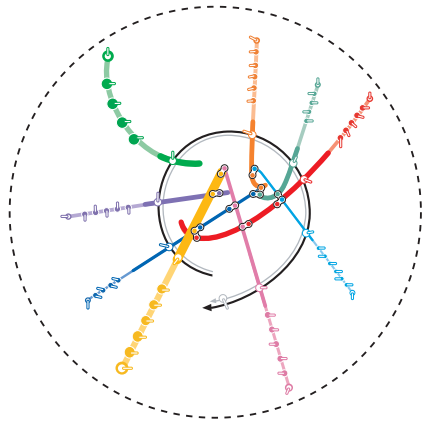
⁵ FARIAS, Agnaldo. *A sublevação da linha*. Texto criado para a exposição *Art across Oceans*, Porto de Longeline, Copenhagen, Dinamarca, 1996. Disponível em: <www.canalcontemporaneo.art.br/portfolio.php>.

⁶ Edith DERDYK, *Linha de costuras*, p.17.

⁷ Edith DERDYK, *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*, p.10

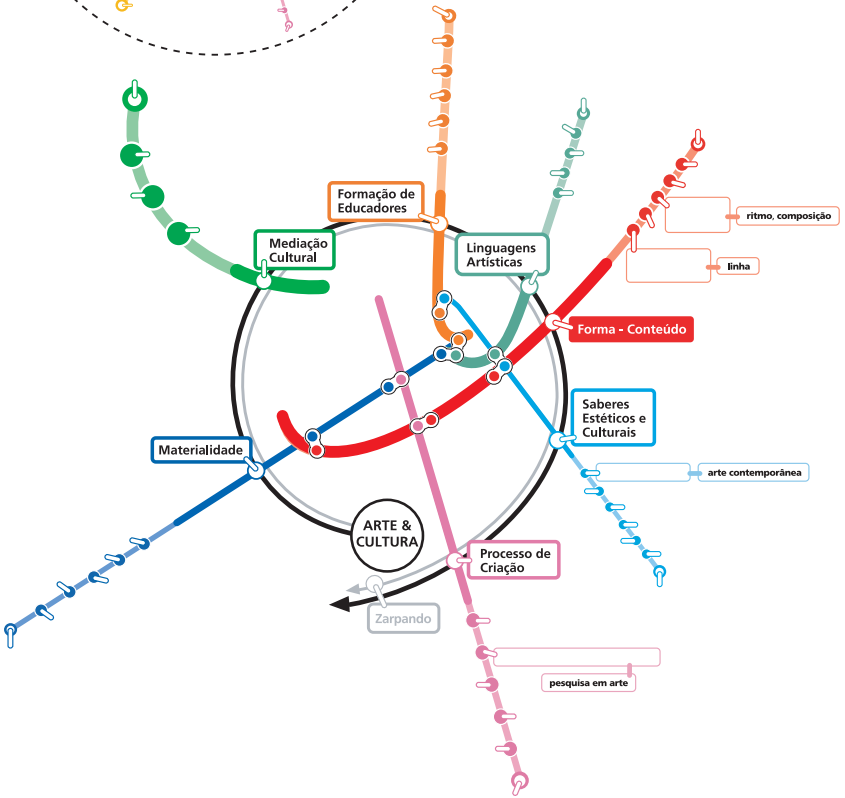
⁸ *Ibid.* p.10.

⁹ Edith DERDYK, *Formas de pensar o desenho*, p. 150.



Mapa potencial

VIÉS
(EDITH DERDYK)



Patrocínio



FUNDAÇÃO
IOCHPE

Organização



www.artenaescola.org.br